

## Educação Superior, Classe Trabalhadora e Paulo Freire: um diálogo a partir da experiência da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho

*Higher Education, Working Class and Paulo Freire: a dialogue  
based on the experience of the DIEESE School of Labor Sciences*

*Educación Superior, Clase Trabajadora y Paulo Freire: un  
diálogo a partir de la experiencia de la Facultad de Ciencias del  
Trabajo DIEESE*

Sônia Maria Portella Kruppa  
Universidade de São Paulo  
skruppa@usp.br

<https://orcid.org/0000-0001-6195-3436>

Fausto Augusto Junior  
Universidade de São Paulo  
fausto@dieese.org.br

<https://orcid.org/0000-0002-2342-352X>

Camila Yuri Santana Ikuta  
Universidade de São Paulo  
camila.ikuta@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0300-1124>

### RESUMO

Este artigo trata da experiência de instituição da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho, que desde 2012 oferta um Bacharelado Interdisciplinar em Ciências do Trabalho, além de cursos de pós-graduação e extensão. A instituição da Escola insere-se na problemática do contexto recente de expansão do acesso à educação superior no Brasil, no qual o perfil dos ingressantes passou a ser mais diversificado, com maior presença dos trabalhadores-estudantes. Grandes desafios são enfrentados por eles, em especial sob a ótica do processo formativo tradicional do meio universitário, para o qual a Escola DIEESE busca trazer alternativas, enfrentando dilemas e avançando em possibilidades. Ao contrapor o modelo tradicional de educação superior, parte-se da proposta de construção de um campo de conhecimento a partir da perspectiva dos trabalhadores, que possui como uma de suas grandes influências a pedagogia freireana.

**Palavras-chave:** Educação Superior. Trabalho. Paulo Freire.

## ABSTRACT

This scientific paper deals with the institutional experience of the DIEESE School of Labor Sciences, which since 2012 offers an Interdisciplinary Bachelor of Labor Sciences, in addition to postgraduate and extension courses. The institution of the School is inserted in the problematic of the recent context of expansion of access to higher education in Brazil, in which the profile of the students started to be more diversified, with a greater presence of student-workers. They face great challenges, especially from the perspective of the traditional training process of the university environment, for which the DIEESE School seeks to bring alternatives, facing dilemmas and advancing in possibilities. In contrast to the traditional model of higher education, it is based on the proposal to build a field of knowledge from the perspective of workers, who has Paulo Freire's pedagogy as one of its great influences.

**Keywords:** Higher Education. Labor. Paulo Freire.

## RESUMEN

Este artículo trata sobre la experiencia institucional de la Facultad de Ciencias Laborales DIEESE, que desde 2012 ofrece una Licenciatura en Ciencias Laborales Interdisciplinar, además de cursos de posgrado y extensión. La institución de la Escuela se inserta en la problemática del contexto reciente de expansión del acceso a la educación superior en Brasil, en el que el perfil de los estudiantes comenzó a ser más diversificado, con una mayor presencia de estudiantes trabajadores. Enfrentan grandes desafíos, especialmente desde la perspectiva del proceso de formación tradicional del ámbito universitario, para lo cual la Escuela DIEESE busca traer alternativas, enfrentando dilemas y avanzando en posibilidades. A diferencia del modelo tradicional de educación superior, se basa en la propuesta de construir un campo de conocimiento desde la perspectiva de los trabajadores, que tiene la pedagogía de Freire como una de sus grandes influencias.

**Palabras clave:** Educación Superior. Trabajo. Paulo Freire.

## Introdução

O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), instituição fundada em 1955 por entidades sindicais de trabalhadores de todo o Brasil, se insere numa longa luta das classes trabalhadoras, questionando a concepção de conhecimento segundo a qual o objeto apreendido é produto da capacidade de poucos.

Na contestação teórica e prática dessa forma de conceber o conhecimento, Paulo Freire esteve presente nas atividades de formação ocorridas no DIEESE, cuja educação, durante a maior parte de sua existência institucional, enquadrou-se no que é chamado como educação não formal. Voltada para dirigentes sindicais, essa formação, por vezes, alargou-se abrangendo uma quantidade maior e mais diversa de trabalhadores, superando propostas de hierarquias de saberes também no interior do movimento sindical e, mais recentemente, adentrando no ensino formal de nível superior.

Nesse processo, o diálogo freireano, como estrutura formativa, orientou muitas das atividades realizadas, sendo determinante nos embates havidos. Neste sentido, pode-se dizer que o diálogo, mais do que um método ou uma metodologia, fundamentou as possibilidades de um outro conhecimento que tem o trabalhador como sujeito.

Escapar das amarras que polarizam o saber prático e o acadêmico/científico não é uma questão simples, posto que suas raízes são parte de uma mentalidade que domina nossas instituições de ensino. É exatamente na liberação dessas amarras que o legado freireano assumiu papel fundamental na criação da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho, em 2012, uma instituição de ensino superior cuja experiência é relevante, em um momento histórico em que novos sujeitos começam a adentrar o espaço universitário, antes restrito a poucos.

Tendo como proposta o rompimento da separação entre os que pensam e os que fazem, e uma concepção de conhecimento que compreenda o homem como um ser que aprende, conhece e produz conhecimento na relação com o mundo e com os demais seres humanos que o cercam, a Escola DIEESE de Ciências do Trabalho não separa o estudante de sua condição de trabalhador, mas afirma o trabalhador-estudante.

Neste artigo, a Escola DIEESE de Ciências do Trabalho é objeto de análise na segunda parte, precedida por uma reflexão sobre a recente expansão do acesso à educação superior no Brasil, mudanças no perfil dos ingressantes e os dilemas colocados atualmente no meio universitário para os trabalhadores-estudantes. Por fim, afirmamos que a Escola DIEESE de Ciências do Trabalho, assentada no pensamento de Paulo Freire, pode contribuir para a superação desses desafios postos neste novo século.

## **Educação Superior no Brasil: expansão do acesso à classe trabalhadora**

O sistema de educação superior brasileiro possui, atualmente, 8,6 milhões de estudantes matriculados. Aproximadamente 76% dessas matrículas estão localizadas em Instituições de Ensino Superior (IES) privadas. Apesar dessa persistente característica de desigualdade na oferta de educação superior, nos últimos anos foram observadas algumas transformações importantes no que tange ao acesso a esse nível de ensino.

A agenda política da educação superior no período mais recente, em especial após os anos 2000 e durante os Governos Lula e Dilma, foi marcada por um ciclo de

transformações nas esferas pública e privada, cujas ações mais destacadas foram a retomada de investimentos na rede federal – em especial, a partir do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e expansão dos Institutos Federais (IFs) –, e pela instituição de políticas que visaram ampliar e facilitar o acesso por meio de bolsas de estudo ou de financiamento estudantil, notadamente pela instituição do Programa Universidade para Todos (ProUni), em 2005, e pela reformulação do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) em 2010. Também merece grande destaque no período a instituição da Lei de Cotas nas Instituições Públicas Federais, em 2012.

Muitas dessas políticas que promoveram a expansão do acesso possuíam, também, certo caráter de ações afirmativas, já que possuem como público-alvo estudantes de baixa renda, provenientes de escolas públicas, além de apresentarem reserva de vagas por critérios de raça/cor e etnia, para estudantes autodeclarados indígenas e negros.

A instituição da Lei de Cotas nas Universidades Federais em 2012 foi um marco, ao preconizar a reserva de 50% do total de vagas nos cursos e turnos nas instituições federais para estudantes por critérios de renda, raça/cor e estudo em escola pública, o que auxiliou em uma mudança significativa do perfil de estudantes na rede pública.

Até meados do início dos anos 2000, a maior parte da população não conseguia acessar a educação superior pública, pela seletividade imposta pelos vestibulares e escassez de vagas; e não conseguia, também, custear as altas mensalidades cobradas pelas instituições de ensino privadas. O sistema era elitista e inacessível. A taxa líquida de escolarização era de 7,4% no ano 2000, e passou para 21,4% em 2019; e a taxa bruta de escolarização passou de 11,5% para 37,4%, no mesmo período.

Para além da perspectiva quantitativa, nota-se que o perfil dos estudantes que começaram a acessar o ensino superior passou a ser mais diversificado. As instituições, em especial as públicas, passaram a receber um novo perfil de ingressante: com menor renda, origem socioeconômica mais humilde, pardos, pretos e indígenas, além de muitos serem trabalhadores-estudantes<sup>1</sup>.

Para Ristoff (2014) e Carvalho (2014), tais políticas geraram melhoria na inclusão da educação superior da população preta, parda, indígena e de baixa renda, de trabalhadores-estudantes, e de filhos de pais com baixa escolaridade e/ou sem nível

---

<sup>1</sup> O conceito de trabalhador-estudante, concebido enquanto uma inversão do sujeito aprendente de estudante que trabalha, para o de trabalhador que estuda, foi apresentado por Mascellani (1999), referência na discussão sobre trabalho e educação e que foi coordenadora pedagógica do Projeto Integrar.

superior, mais velhos<sup>2</sup> e oriundos de escolas públicas. Ainda que tal expansão do acesso tenha se dado de maneiras diferentes, considerando a realidade das redes privada e pública.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD-IBGE) de 2018, a proporção de pessoas pretas ou pardas cursando o ensino superior em IES públicas chegou a 50,3%, compondo a maioria pela primeira vez. E uma pesquisa realizada em 2014 pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e pelo Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (Fonaprace), indicou qual era o perfil socioeconômico dos estudantes de graduação das universidades federais no país: cerca de 66% dos alunos tinham origem em famílias com renda média de até 1,5 salário mínimo. A pesquisa concluiu que houve uma alteração significativa no perfil dos estudantes dessas instituições desde então.

Contudo, nos desdobramentos mais recentes – que possuem como um marco importante a ruptura política causada pelo processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em 2016 -, em um ambiente que já sofria graves efeitos das crises econômica e político-institucional, foi observado um rompimento com alguns dos avanços em políticas sociais que estavam em curso; além de predominar uma concepção de Estado marcada pela não-valorização do público e o incremento dos mecanismos de ajuste fiscal, que levaram a sérias restrições orçamentárias – impactando a área de Educação, e conseqüentemente, a Educação Superior (IKUTA, 2019).

No período mais recente, ocorreu forte redução do orçamento destinado às universidades e instituições federais de ensino, representando o fim de um ciclo expansionista de governos anteriores. Na esfera privada, a política do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) foi remodelada diversas vezes, levando a um aumento das taxas de juros aplicadas, à redução do número de financiamentos<sup>3</sup> e do público-alvo da política.

Embora o retrocesso nas políticas públicas, sociais e no campo educacional tenha se aprofundado ainda mais no país nos últimos anos, colocando em xeque os pequenos avanços conquistados até então, é fato que a Educação Superior passou por grandes transformações

---

<sup>2</sup> Segundo o Censo da Educação Superior 2019, divulgado pelo INEP, a média de idade dos estudantes ingressantes na graduação presencial é de 24,3 anos, e a dos ingressantes na EaD, de 31,1 anos.

<sup>3</sup> No auge do Fies, em 2014, foram firmados 731 mil contratos, chegando a representar um terço dos estudantes matriculados em toda a rede privada. Já em 2019, o número de contratos foi de apenas 85 mil (BRASIL, 2020).

nas últimas décadas. De um espaço destinado a pessoas privilegiadas (em especial, nas universidades públicas), para ser alvo de diversas ações na agenda política e econômica, na busca de modificar, ainda que timidamente, esse quadro.

Contudo, vale destacar que a promoção de acesso a uma parcela da população menos favorecida socialmente não concretiza a experiência do ensino superior por completo. Além das desigualdades de origem socioeconômica, que afetam não só o acesso em cursos de alto/baixo prestígio social, há também o lado da permanência. O acesso de trabalhadores-estudantes ao nível superior costuma ser uma experiência afetada - e muitas vezes até interrompida -, por questões econômicas e financeiras, pedagógicas, simbólico-subjetivas de toda ordem. Grandes dilemas são enfrentados pelos trabalhadores-estudantes no cotidiano das salas de aula.

Mesmo com a instituição de políticas de inclusão e ampliação do acesso para a população de baixa renda, a redução de desigualdades não é garantida, uma vez que a relação entre escolaridade e promoção de oportunidades não é direta. Muitas vezes, pesam outros fatores anteriores da trajetória desses estudantes, como a condição socioeconômica familiar e as relações sociais e culturais. A experiência da educação superior pode ser totalmente diferente para estudantes de origens sociais distintas (IKUTA; MONTEIRO, 2017).

Os trabalhadores-estudantes enfrentam muitas dificuldades, também, sob a ótica do processo formativo no meio universitário. A supervalorização do conhecimento científico, em detrimento do conhecimento e saber do trabalho e da prática, é um dos grandes dilemas enfrentados no cotidiano desses estudantes que conseguiram acessar o ensino superior nas últimas décadas no país.

É nesse contexto, e compartilhando de tais possibilidades e dilemas, que também está inserida a experiência da instituição da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho, cuja proposta pedagógica busca uma alternativa aos modelos tradicionais de educação superior, tendo como uma de suas referências o pensamento de Paulo Freire.

## A Escola DIEESE de Ciências do Trabalho

O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) é uma instituição fundada em 1955 por entidades sindicais de trabalhadores de todo o Brasil. Segundo seu estatuto, o DIEESE é

[...] um órgão unitário do Movimento Sindical Brasileiro destinado à realização de estudos, pesquisas e atividades de educação, produção e difusão de conhecimento e informação sobre o trabalho em um contexto multidisciplinar, tendo como instrumento de análise o método científico, a serviço dos interesses da classe trabalhadora, sem prejuízo da diversidade das posições e enfoques sindicais (DIEESE, 2015, p. 2).

Alguns dos objetivos da instituição são: realizar pesquisas, análises, estudos relacionados ao mundo do trabalho e desenvolvimento econômico; prestar assessoria e consultoria ao movimento sindical e outras entidades; desenvolver e ministrar atividades formativas, e de educação superior. Assim, o DIEESE busca articular um tripé entre assessoria, pesquisa e educação.

Alguns dos principais temas objetos de pesquisas e estudos no DIEESE são: o emprego e o trabalho, o processo de trabalho e a organização da produção, renda, salários, rendimentos e distribuição da renda, acordos e convenções coletivas, greves, qualificação social e profissional, políticas públicas, desenvolvimento, educação e formação social e profissional (ESCOLA DIEESE, 2011, p. 5).

A partir da atuação na assessoria, na pesquisa e na formação sindical, o DIEESE foi desenvolvendo uma concepção própria de processo ensino-aprendizagem, na estreita relação entre o conhecimento científico produzido, e sua ressignificação em um instrumento de luta das classes trabalhadoras:

[...] no processo de assessoria, o diálogo, na concepção freireana, se estabelece como base de todo o processo de produção e realização de um conhecimento horizontal, onde não há hierarquia. É pelo diálogo que as necessidades dos dirigentes sindicais se transformam em processos de produção de conhecimento e se tornam instrumento de reflexão e ação política (AUGUSTO JUNIOR, 2021, p. 70).

Após um longo processo de reflexão, em torno de um antigo desejo de implementação de um projeto de educação superior, desde a fundação do DIEESE, e também inserido em uma conjuntura favorável de ampliação do sistema de educação superior no país, em 2012 foi oficialmente instituída a Escola DIEESE de Ciências do Trabalho, uma Instituição de Ensino Superior (IES), que conta atualmente com um corpo docente de 15 professores e diversos pesquisadores.

A Escola DIEESE oferta, no nível de graduação, o curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências do Trabalho. Além disso, oferta também uma pós-graduação

*lato sensu* em Economia e Trabalho, desde 2015; e cerca de 40 cursos de extensão em temas variados, voltados principalmente para a formação sindical.

A construção da concepção de Educação da Escola DIEESE é resultado de um longo processo de reflexão e ação do DIEESE, na tarefa de assessorar e formar quadros do movimento sindical, a partir de uma concepção emancipadora de conhecimento e de educação, que tem como objetivo avançar no processo de conscientização da classe trabalhadora de sua situação de exploração e opressão.

O Bacharelado Interdisciplinar em Ciências do Trabalho surgiu como uma experiência que busca ter os trabalhadores (e seu conhecimento) como sujeitos do processo de produção de conhecimento. De acordo com o Projeto de Desenvolvimento Institucional da Escola DIEESE, o intuito é de conceber a possibilidade de estudar e produzir um saber sobre o trabalho enquanto uma atividade humana, na qual o trabalhador é ao mesmo tempo objeto e sujeito do conhecimento.

Essas questões são reforçadas no Projeto Pedagógico do Bacharelado em Ciências do Trabalho, cujo curso está voltado “para atender aos interesses, necessidades, condições de estudo e de produção de conhecimento da classe trabalhadora, nas questões do Trabalho” (ESCOLA DIEESE, 2019, p. 4). A proposta curricular está fundamentada de modo a afirmar as especificidades de construir uma “escola dos trabalhadores”.

Dentre diversas discussões e projetos de formação, até sua implementação formal perante o Ministério da Educação (MEC), ocorreram muitas mudanças no currículo e projeto pedagógico, já que o próprio sistema oficial de educação do país é pouco permeável a modelos não tradicionais de ensino (MILITÃO, 2017).

O Bacharelado em Ciências do Trabalho é fundamentado na concepção de que o trabalho é inerente à vida humana, uma atividade humana por excelência – a partir da qual os homens e mulheres constroem o mundo, o fazer e o pensar ao produzirem a vida. Nesse sentido, “é necessário que o conhecimento acumulado sobre trabalho possa ser tratado numa perspectiva reflexiva e como parte de um campo epistemológico em constante transformação” (ESCOLA DIEESE, 2019, p. 10). A proposta relaciona-se com a não separação entre o fazer e pensar, tendo o trabalhador como centro do processo:

O projeto [...] possui como sujeito o trabalhador. Sua história, sua organização, suas lutas, vitórias e derrotas, sua contribuição para a produção de riqueza e para a humanização da sociedade, seus valores, necessidades e sonhos são matéria de pesquisa e de ensino na

produção de conhecimento que se pretende (ESCOLA DIEESE, 2019, p. 11).

Em outras palavras, o objetivo central é que o processo de produção de conhecimento se inicie, se efetive e se realize na ação política, enquanto *práxis*. A produção de conhecimento deve ser desenvolvida na perspectiva da construção de possibilidades para a intervenção na realidade. Essa concepção de Educação possui como objetivo último a conscientização, em torno de que homens e mulheres assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo (FREIRE, 2008).

De acordo com o Projeto Político-Pedagógico da Escola, o princípio teórico-metodológico propõe a concepção do processo dialético de aprendizagem e produção do conhecimento, no qual a aquisição e produção de conhecimento se realizam ao mesmo tempo. O sujeito na centralidade é o trabalhador-estudante; e o professor é o mediador da relação entre o conhecimento trazido pelos sujeitos e o conhecimento socialmente produzido.

A missão da Escola DIEESE é a de formar sujeitos críticos, com preparo científico e ao mesmo tempo humanista, “para uma atuação transformadora na sociedade, produzir conhecimento em Trabalho e realizar difusão educativa de conhecimentos científicos e culturais para o movimento sindical e para toda a sociedade” (ESCOLA DIEESE, 2011, p. 11).

## Os trabalhadores-estudantes da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho

O primeiro processo seletivo para a turma inaugural da Escola DIEESE se deu no ano de 2012, no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências do Trabalho. A primeira turma, de 40 alunos, foi composta majoritariamente de dirigentes, ex-dirigentes e assessores sindicais, com formação de nível médio, profissionalizante ou na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), cuja maioria estava na faixa etária acima de 30 anos. Ao longo do tempo, as turmas da Escola DIEESE foram incorporando também outros públicos, em especial, trabalhadores-estudantes com atuação em outros movimentos sociais.

Segundo dados sistematizados e analisados por Augusto Junior (2021), desde o primeiro processo seletivo da Escola DIEESE, em 2012, até o início de 2019, estavam registrados no sistema 218 estudantes na graduação; 153 em cursos de pós-graduação, e 6.391 em cursos de extensão.

Na análise do perfil dos estudantes do Bacharelado (formados, em curso ou com matrícula trancada), o público-alvo, especialmente no início das atividades da Escola DIEESE, foram (e são) os dirigentes de entidades sindicais e, portanto, nota-se a prevalência de sindicalistas entre as turmas.

Na Tabela 1, evidencia-se qual a inserção social dos trabalhadores e trabalhadoras-estudantes: 64,5% eram sindicalistas em diferentes inserções nas entidades (diretores, dirigentes de base, assessores, etc.); 16,3% eram trabalhadores de base; 7% eram integrantes de movimentos sociais; e apenas 1,2% eram estudantes que não estavam inseridos no mercado de trabalho.

Inserção Social	Número de Trabalhadores-Estudantes	Em %
Movimento Sindical	111	64,50%
Trabalhador de Base	28	16,30%
Movimento Social	12	7,00%
Estudante	2	1,20%
Sem informação	19	11,00%
<b>Total</b>	<b>172</b>	<b>100,00%</b>

**Tabela 1** – Número de registros de trabalhadores-estudantes na Escola DIEESE, de acordo com a inserção social – 2012-2019  
**Fonte:** Augusto Junior, 2021, p. 182.

A análise das turmas do Bacharelado em Ciências do Trabalho, por faixa etária, evidencia que a maioria dos estudantes eram mais velhos. Apenas 6,4% possuíam até 24 anos. Na faixa entre os 25 e 34 anos, eram 22,1%. E a faixa etária mais representativa era a de entre 35 a 44 anos, com 36,6% do total (Tabela 2).

<b>Faixa Etária</b>	<b>Número de Trabalhadores-Estudantes</b>	<b>Em %</b>
Até 24 anos	11	6,40%
Entre 25 e 34 anos	38	22,10%
Entre 35 e 44 anos	63	36,60%
Entre 45 e 54 anos	47	27,30%
Acima de 55 anos	13	7,60%
<b>Total</b>	<b>172</b>	<b>100,00%</b>

**Tabela 2** – Número de registros de trabalhadores-estudantes na Escola DIEESE, de acordo com a faixa etária – 2012-2019

**Fonte:** Augusto Junior, 2021, p 184.

As informações dos estudantes por faixa etária (Tabela 3) ajudam a explicar o tempo entre a matrícula na Escola DIEESE e o término do ensino médio. Conforme exibe a Tabela 3, cerca de 69% dos trabalhadores-estudantes haviam concluído o ensino médio há mais de 10 anos; o que, para a grande maioria (90%), significava estar longe dos bancos escolares. Além disso, outra informação importante é que somente 10% já havia terminado outra graduação.

<b>Faixa de Tempo de Conclusão do Ensino Médio</b>	<b>Número de Trabalhadores-Estudantes</b>	<b>Em %</b>
Até 5 anos	29	16,90%
Entre 6 e 10 anos	24	14,00%
Entre 11 e 15 anos	42	24,40%
Entre 16 e 20 anos	27	15,70%
Entre 21 e 25 anos	17	9,90%
Entre 26 e 30 anos	13	7,60%
Acima de 31 anos	19	11,00%
Sem informação	1	0,60%
<b>Total</b>	<b>172</b>	<b>100,00%</b>

**Tabela 3** – Número de registros de trabalhadores-estudantes, por tempo de conclusão do Ensino Médio no ingresso na Escola DIEESE – 2012-2019

**Fonte:** Augusto Junior, 2021, p. 185.

A faixa etária mais avançada e a condição de trabalhador-estudante são evidenciadas quando são observados os dados sobre a modalidade em que se deu a conclusão do ensino médio. A partir do conjunto de registros da Escola DIEESE, nota-se que 41,3% dos trabalhadores-estudantes se certificaram em alguma modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e 12,2% são egressos do Ensino Técnico Profissionalizante (Tabela 4).

Modalidade de Ensino	Número de Trabalhadores-Estudantes	Em %
Regular	79	45,90%
EJA/Suplência/Supletivo/ENEM	71	41,30%
Técnico	21	12,20%
Sem informação	1	0,60%
<b>Total</b>	<b>172</b>	<b>100,00%</b>

**Tabela 4** – Número de registros de trabalhadores-estudantes na Escola DIEESE, de acordo com a modalidade de conclusão do Ensino Médio – 2012-2019  
**Fonte:** Augusto Junior, 2021, p. 186.

Quando o cruzamento das informações se dá por sexo, além do fato de quase dois terços dos estudantes serem do sexo masculino, e 32,7% serem trabalhadoras-estudantes, verifica-se também que a conclusão do ensino médio na modalidade EJA é preponderante entre as mulheres, com 46,4%, enquanto entre os homens estava em 39,1%. Vale destacar, também, que a participação do ensino técnico profissionalizante é maior entre os homens do que entre as mulheres.

Modalidade do Ensino Médio	Homens		Mulheres		Total Geral	
	N.	Em %	N.	Em %	N.	Em %
EJA/Suplência/Supletivo/ENEM	45	39,10%	26	46,40%	71	41,50%
Regular	54	47,00%	25	44,60%	79	46,20%
Técnico	16	13,90%	5	8,90%	21	12,30%
<b>Total Geral</b>	<b>115</b>	<b>100,00%</b>	<b>56</b>	<b>100,00%</b>	<b>171</b>	<b>100,00%</b>

**Tabela 5** – Número de registros de trabalhadores-estudantes na Escola DIEESE, de acordo com a modalidade de conclusão do Ensino Médio, distribuídos por sexo -2012-2019  
**Fonte:** Augusto Junior, 2021, p. 187.

Por fim, a análise dos registros das turmas constatou que os trabalhadores e trabalhadoras-estudantes oriundos do movimento sindical, em sua maioria (46,4%), concluíram o ensino médio na modalidade EJA; enquanto os demais, agregados, no ensino regular (Tabela 6).

Modalidade de Ensino	Movimento Sindical		Outros		Total Geral	
	N.	Em %	N.	Em %	N.	Em %
EJA/Suplência/Supletivo/ENEM	51	46,40%	20	32,80%	71	41,50%
Regular	45	40,90%	34	55,70%	79	46,20%
Técnico	14	12,70%	7	11,50%	21	12,30%
<b>Total Geral</b>	<b>110</b>	<b>100,00%</b>	<b>61</b>	<b>100,00%</b>	<b>171</b>	<b>100,00%</b>

**Tabela 6** – Número de registros de trabalhadores-estudantes na Escola DIEESE, de acordo com a modalidade de conclusão do Ensino Médio, distribuídos pela inserção social - 2012-2019

**Fonte:** Augusto Junior, 2021, p. 187.

O perfil dos trabalhadores e trabalhadoras-estudantes que integravam as turmas da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho entre 2012 e 2019, levantado por Augusto Junior (2021), traz algumas questões importantes para reflexão, tanto em relação à recente expansão do acesso à educação superior, quanto aos desafios e dilemas enfrentados no cotidiano da Escola DIEESE.

A primeira está ligada ao fato de os trabalhadores-estudantes serem mais velhos e terem o trabalho como centro de suas vidas. Esse perfil é bastante próximo ao perfil dos novos estudantes ingressantes na educação superior do país nas últimas décadas, especialmente após os impactos das políticas de ampliação e facilitação do acesso, com ações afirmativas.

A segunda questão deve-se ao fato de que boa parte dos estudantes na Escola DIEESE possuía atuação no movimento sindical, e mais recentemente também em outros movimentos sociais. Tais estudantes adentraram a Escola com grande conhecimento e repertório, produzidos a partir da experiência prática do trabalho, da militância e da vida política (AUGUSTO JUNIOR, 2021).

Por outro lado, surgem como desafios a formação escolar mais precária, a pouca familiaridade ou mesmo distância de muitos anos do espaço escolar, a pouca prática com atividades de escrita e matemática, além do pouco tempo disponível para acompanhar as atividades que envolvem as disciplinas de um curso de graduação. Tais questões são apontadas como alguns dos grandes dilemas para a produção do conhecimento em um modelo tradicional de educação superior, para o qual a Escola DIEESE surge enquanto alternativa e contraposição.

## Uma Educação Superior da Classe e para a Classe Trabalhadora

A experiência da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho está inserida no contexto de expansão do acesso à educação superior no Brasil e de crítica a um sistema elitizado e acessível a poucos. As políticas que buscaram a expansão do acesso, muitas delas promovendo também ações afirmativas, mudaram, ainda que timidamente, a configuração dos ingressantes do ensino superior no país e demandam uma crítica às práticas docentes nesse nível de ensino.

O movimento trouxe às salas de aulas de faculdades, centros universitários e universidades públicas e privadas um novo perfil de estudantes: menos jovens, oriundos da classe trabalhadora, sem histórico de escolarização de nível superior na família e, acima de tudo, estudantes que trabalham, ou melhor, trabalhadores e trabalhadoras que estudam, que dividem seu tempo e disposição entre o trabalho e as tarefas escolares e que carregam consigo um conhecimento produzido na prática.

Enquanto a expansão do acesso à educação superior se tornou também uma esperança de inclusão, ascensão e mobilidade sócio-ocupacional para boa parte da população brasileira, no cotidiano universitário, muitas contradições se apresentam e são enfrentadas diariamente. Seja pela ótica da desigualdade de acesso, das dificuldades dos estudantes em permanecer estudando e conciliar a rotina com o trabalho; seja pela ótica do processo formativo universitário, que ao longo da história separou os mundos da educação e do trabalho, encontrando-se pouco alinhado às demandas e conhecimentos práticos desses trabalhadores-estudantes, processo que acaba perpetuando privilégios e práticas de exclusão social.

Neste contexto inserem-se as potencialidades e os desafios da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho, na qual a Educação como prática de liberdade se apresenta na retomada da relação entre educação e política, em que o saber empírico (popular) se amalgama ao saber sistemático (científico), e se realiza na resistência e na ação contra a exploração e opressão. Nessa tarefa,

[...] mais do que lidar com as dificuldades, todo o desenvolvimento pedagógico buscou potencializar as possibilidades advindas de um sujeito que carrega consigo os conhecimentos de uma experiência de vida e de trabalho incomum na nossa tradição de educação superior que, [...] historicamente, esteve voltada para a formação da classe dominante em nosso país (AUGUSTO JUNIOR, 2021, p. 237).

Para isso, o projeto político-pedagógico do Bacharelado em Ciências do Trabalho propõe como inovação as Atividades Programadas de Pesquisa (APPs), disciplinas obrigatórias nos seis semestres do curso. As Atividades Programadas de Pesquisa destacam-se pelo objetivo de possibilitar aos estudantes o exercício da produção de conhecimento para a ação. Buscando uma alternativa frente aos moldes pedagógicos tradicionais universitários, a APP é um espaço de produção de conhecimento entre os trabalhadores-estudantes e professores, no qual há um intenso processo de diálogo, pesquisa, reflexão e ação.

Buscando realizar a interdisciplinaridade e a integração entre teoria e prática, as APPs alinham o conhecimento teórico das disciplinas e o conhecimento prático trazido pelos trabalhadores-estudantes no fazer das pesquisas, que por sua vez interferem no fazer da vida. Nesse sentido, a APP:

[...] destina-se à produção interdisciplinar de conhecimento e reúne docentes, estudantes, pesquisadores e colaboradores, para o estudo e investigação com diferentes abordagens e em diferentes contextos. Seu programa abre possibilidades de experimentação e de produção intelectual dos graduandos e docentes, integrando conteúdos e atividades dos cursos oferecidos no semestre. Propõe atividades individuais e em grupo com o sentido formativo que possibilita um olhar para a prática teórica (ESCOLA DIEESE, 2013, p. 26).

Segundo Augusto Junior (2021, p. 160), são nas APPs que se realiza a interdisciplinaridade ao longo do curso e a sistematização do conhecimento coletivo e

individual, culminando, ao final, no Trabalho de Conclusão do Curso<sup>4</sup>, que busca transcender uma sistematização individual e se realizar como um projeto coletivo de compreensão e intervenção na realidade concreta.

Ao se contraporem a um modelo de educação tradicional, ou “bancária”, conforme denominou Paulo Freire, as APPs buscam a problematização e, principalmente, o *ato cognoscente*, no qual o ato de pensar só possui sentido se possui sua fonte geradora na ação sobre o mundo (FREIRE, 1993). Pois, caso contrário,

[...] os grandes arquivados são os homens [...] porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nessa distorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. (FREIRE, 1993, p. 57).

Nas APPs, ao desencadear o processo de produção de conhecimento, abre-se a possibilidade de construção dos conteúdos e atividades a partir de questões iniciais individuais, que, coletivizadas, se tornam perguntas geradoras e, por fim, temas geradores, que aproximam sujeito e objeto, reflexão e ação, tendo como fim a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos (FREIRE, 1993). É um movimento indicado por Freire como a passagem do nível da “consciência real” para a “consciência máxima possível”, mobilizando os sujeitos na reflexão sobre a prática e possibilitando que tal reflexão se torne engajamento para a ação (AUGUSTO JUNIOR, 2021, p. 259).

Na prática, o que se observa é que é nessa articulação entre as necessidades reais dos trabalhadores-estudantes e o conhecimento sistematizado que se revela a luta da periferia contra a violência policial, dos trabalhadores-estudantes negros pelos direitos da população afrodescendente, das trabalhadoras-estudantes pelos direitos das mulheres em uma sociedade machista e desigual, entre outras tantas lutas que cada trabalhador-estudante traz consigo.

É da reflexão coletiva por meio do diálogo crítico que as contradições dessas realidades vão sendo desveladas, e o processo de conscientização vai se realizando pela

---

<sup>4</sup> Para mais detalhes sobre a proposta pedagógica das Atividades Programadas de Pesquisa (APPs), bem como uma análise da experiência prática dos processos de produção de conhecimento dos trabalhadores-estudantes na Escola DIEESE, ver Augusto Junior (2021).

compreensão de que o que alinhava todas as inquietações e perguntas são os mecanismos de opressão, à qual a classe trabalhadora está submetida e que carece de enfrentamento.

Das Atividades Programadas de Pesquisa, não saem somente compilações de textos acadêmicos na forma de Trabalhos de Conclusão de Curso destinados às estantes das bibliotecas, mas processos de reflexão que mobilizam e produzem propostas e planos de ação sobre a realidade refletida.

A articulação dessa proposta em uma Instituição de Ensino Superior (IES) formal, ou seja, inserida no âmbito do MEC e do sistema de educação superior brasileiro, enfrenta inevitavelmente grandes dilemas. Em especial, na articulação de tal concepção de Educação e de produção de conhecimento em um terreno reconhecido pela supervalorização do conhecimento científico, racional e técnico, e que pouco valoriza o conhecimento e o saber advindo do trabalho e da prática. Porém, é uma resposta concreta à necessária integração da classe trabalhadora e dos trabalhadores-estudantes ao ensino superior, muito prometida, mas sistematicamente negada na prática de nossas universidades.

## Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). **IV Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras**. 2016. Disponível em: <[http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduando-das-IFES\\_2014.pdf](http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduando-das-IFES_2014.pdf)>. Acesso em 07 mai 2021.

AUGUSTO JUNIOR, Fausto. **Da necessidade à práxis: análise do índice de custo de vida do DIEESE como processo de produção de conhecimento entre 1955 e 1964**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

AUGUSTO JUNIOR, Fausto. **Entre a prática e a teoria: uma investigação sobre a Escola de Ciências do Trabalho do DIEESE na construção de uma educação superior da classe trabalhadora**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2021.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). **Fundo de Financiamento Estudantil (Fies)**. 2020. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/financiamento/fies-graduacao>>. Acesso em: 18 mai 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Sinopses Estatísticas do Censo da Educação Superior 2019**. Disponível em:

<<http://inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>. Acesso em: 18 mai 2021.

CARVALHO, Cristina Helena Almeida de. Política para a educação superior no governo Lula: expansão e financiamento. **Revista do Instituto De Estudos Brasileiros**, v. 58, p. 209-244, 2014.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). **Estatuto Social**. 2015. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/materialinstitucional/estatuto.html>>. Acesso em: 18 mai 2021.

ESCOLA DIEESE DE CIÊNCIAS DO TRABALHO. **Projeto pedagógico do curso de Ciências do Trabalho - Presencial**. São Paulo: DIEESE, 2019.

ESCOLA DIEESE DE CIÊNCIAS DO TRABALHO. **Matriz Curricular do Curso de Ciências do Trabalho**. Disponível em: <<http://escola.dieese.org.br/escola/ensino/graduacao/matriz-curricular-do-curso>>. Acesso em: 07 mai 2021.

ESCOLA DIEESE DE CIÊNCIAS DO TRABALHO. **Plano de Desenvolvimento Institucional**. São Paulo: DIEESE, 2011. Disponível em: <<https://escola.dieese.org.br/pdfs/pdi>>. Acesso em: 18 mai. 2021.

ESCOLA DIEESE DE CIÊNCIAS DO TRABALHO. **Projeto pedagógico do curso de Ciências do Trabalho**. São Paulo: DIEESE, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação: ensaios / Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2008.

IKUTA, Camila Yuri Santana. Mudanças nas políticas de Educação Superior no período pós-impeachment do Governo Dilma Rousseff (2016-2020). In: 39ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 2019, Niterói, **Anais da 39ª Reunião da Anped**, 2019, p. 1-3.

IKUTA, Camila Yuri Santana; MONTEIRO, Gustavo Plinio Paranhos. Influência da escolaridade dos pais no perfil sócio-ocupacional de jovens com ensino superior: um estudo preliminar dos dados da PNAD 2014. In: XV ENCONTRO NACIONAL DA ABET, 2017, Rio de Janeiro, **Anais do XV Encontro Nacional da ABET**, 2017, p. 1-13.

MASCELLANI, Maria Nilde. **Uma pedagogia para o trabalhador:** o ensino vocacional como base para uma proposta pedagógica de capacitação profissional de trabalhadores desempregados (Programa Integrar CNM/CUT). Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

MILITÃO, Stênia Cássia Pereira. **Educação e Trabalho no Brasil:** análise da experiência da Escola DIEESE e o novo curso de Ciências do Trabalho. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017.

RISTOFF, Dilvo. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 723-747, nov. 2014.

**Submetido em 20/05/2021**

**Aprovado em 20/08/2021**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)